

OS SENTIDOS DA FOME NO FILME *GARAPA*

Bruna Fontes Sepulveda Leite, Carolina de Oliveira Coutinho, Júlio Cesar Gomes da Costa e Fabiana Bom Kraemer

Uma introdução aos sentidos da fome

A fome pode ser compreendida de diversas formas e sentidos tanto no espaço individual das pessoas que experimentam este fenômeno no dia a dia quanto no contexto mais amplo da sociedade (FREITAS, 2012). Sob uma abordagem biomédica, sua percepção tem uma dimensão fisiológica que dá sentido aos processos orgânicos, mas para além deste campo, traduz outros sentidos, dependendo da cultura ou do contexto social ao qual está associada. Importante é salientar que a partir do fenômeno da fome convergem outros fenômenos, tornando a fome complexa em sua origem.

Existem, portanto, outras fomes e outros modos de lidar com ela. Na ordem da natureza a fome é vista como uma simples ausência de nutrientes para alimentar o organismo e qualquer animal está sujeito a ela. No âmbito da cultura ela pode assumir inúmeros significados que passam pela fome da dieta da manequim que não pode engordar, pela fome do jejum religioso nos dias sagrados, pela gula que é uma fome que nunca se sacia, pela fome de cultura, de cidadania ou de um determinado produto que se deseja e não se pode comprar, afinal, nem todos comem ou sentem fome do caviar. Como diz o poeta sambista Zeca Pagodinho, “Você sabe o que é caviar? Nunca vi nem comi, eu só ouço falar...”. Mas só de ouvir falar se pode sentir vontade de comê-lo mesmo sem saber o sabor que ele tem. A fome de caviar não está inscrita na ordem da natureza, é uma fome simbólica, não é uma fome biológica.

No campo da Nutrição, a fome pode ser um sintoma da desnutrição ou uma falta de determinados micronutrientes e pode ocorrer, inclusive, em uma pessoa considerada obesa, a chamada ‘fome oculta’. O fato de ela estar acima do peso pode apontar para um quadro de obesidade, mas a carência nutricional na mesma pessoa gera um paradoxo, porque ela pode ser gorda por comer demais e estar anêmica por não comer de forma adequada. A fome, nesse caso, é de condições de vida, de segurança alimentar e de acesso à alimentação adequada. Um indivíduo que não passa fome pode estar tão mal nutrido e com a saúde precária quanto um indivíduo que passa fome regularmente. A fome, portanto, é relativa.

As questões sociais e a desigualdade social também produzem outros sentidos para a fome na medida em que ela é um determinante social que aponta para a pobreza, para a ausência de cidadania e para a exclusão social. A presença da fome crônica em uma população demonstra as fragilidades e as discrepâncias da organização social, política e econômica. O sujeito que vive a fome é vítima de uma estrutura que está acima dele e além da sua compreensão imediata da forma como a sociedade se organiza. A fome de nutrientes, nesse caso, está intimamente ligada à fome de inclusão social.

Existem outras fomes mais sutis, puramente abstratas, como a fome de viver, uma fome existencial de viver outras experiências, de conhecer lugares, provar sabores exóticos, conhecer outras culturas e poder ver o mundo de outra forma. Outro estágio da fome de cidadania.

A interpretação sobre os sentidos da fome é um conflito permanente que não se esgota (FREITAS, 2003), assim propositamos analisá-los, em sua pluralidade, no documentário *Garapa* (2009), de José Padilha. Partimos da proposta de análise de filmes a partir das dimensões: a) social (os códigos sociais e relações sociais à mesa); b) formal (elementos técnicos, filmagem, montagem, cenários, figurinos, iluminação, ritmo, planos etc.); c) econômica (entretenimento, produção, distribuição e consumo na lógica da indústria cultural); d) conceitual (implicações subjetivas, semiológicas, psicológicas, existenciais, históricas, culturais etc.); e) pedagógica (elementos para discussão em sala de aula para pensar Alimentação e Nutrição); e f) pessoal (narrativas, histórias de vida, memória afetivas, vivências pessoais, modos de vida etc.).

Essas dimensões se misturam e se confundem ao longo da análise, principalmente as relacionadas às questões sociais, econômicas e pessoais. Contudo, o nosso interesse é pensar a fome como parte de uma estrutura simbólica, produto de uma desigualdade social, presente na macropolítica. Por isso, valorizamos a análise dos sentidos social; econômico e jurídico; formal e pessoal da fome.

O filme analisado é do gênero documentário, produzido no Brasil no ano de 2009, fruto do maior contato do diretor José Padilha com o problema da fome, a partir do seu encontro com a organização Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE)²⁵. O documentário *Garapa*, do gênero etnográfico, possui como

²⁵ O IBASE, através de um dos seus fundadores, o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, liderou a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, na década de 1990. A organização tem como compromisso a radicalização da democracia como modo de vida em sociedade.

característica metodológica uma intensa pesquisa com base antropológica e é oriundo de mais de 45 horas de material filmado por uma equipe que acompanhou o cotidiano de três famílias, em distintas condições geográficas, no Estado do Ceará, Brasil, durante quatro semanas. Uma família morava numa cidade, outra, perto de uma cidade pequena rural e a terceira, no meio do nada. Essa última recebia o Bolsa Família²⁶.

O sentido social da fome

O título do documentário não foi escolhido por acaso, garapa é uma bebida preparada com água e açúcar ou rapadura, bastante presente no cotidiano de famílias com vulnerabilidade social retratadas nas filmagens. Em algumas famílias, esta é a principal fonte de alimentação que os pais fornecem aos seus filhos, por ser o açúcar, a forma mais barata de se comprar energia.

Diferente dos documentários dos anos 2000, que tinham como pauta a beleza, felicidade e potência dos pobres, *Garapa* trata da impotência, dor e feiura da pobreza, explícita na estética do filme. As crianças com corpos nus, revelando as consequências da subnutrição, expostas a condições insalubres causam incômodo no espectador. As condições sanitárias, assustadoras, retratam o desleixo das autoridades com aqueles que ali vivem. São locais esquecidos, sem infraestrutura compatível com a vida.

Para produzir essa obra, o diretor José Padilha encontrou ideias importantes e inspiradoras no livro *Geografia da Fome* (1946), de Josué de Castro (1908-1973), sociólogo e nutricionista, e estabeleceu conceitos básicos do filme, como, por exemplo, a abordagem fática da distinção entre a fome aguda e a fome crônica²⁷. Em entrevista dada à Academia Brasileira de Cinema²⁸ o diretor diz que optou, no documentário, por falar da fome crônica (ou subnutrição crônica), aquela que se manifesta em populações

²⁶ O Bolsa Família é um programa do governo federal, de combate à fome e a miséria, destinado às famílias em situação de pobreza e extrema pobreza, com renda per capita de até R\$154,00 mensais. Disponível em: <<http://bolsafamilia.datasus.gov.br/w3c/bfa.asp>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

²⁷ Em seu livro, Josué de Castro, refere-se à fome coletiva total e parcial. A primeira se trata de uma inanição, em geral, limitada a áreas de extrema miséria, sendo um fenômeno muito mais frequente e mais grave, em suas consequências numéricas. A fome parcial, objeto de seu estudo, refere-se a “falta permanente de determinados elementos nutritivos, em seus regimes habituais, grupos inteiros de populações se deixam morrer lentamente de fome, apesar de comerem todos os dias” (CASTRO, 1984, p. 26). In: CASTRO, J. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. 10. ed. Rio de Janeiro: Edição Antares, 1984.

²⁸ Disponível em: <http://www.academiabrasileiradecinema.com.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=1132&Itemid=525&limit=1&limitstart=3>. Acesso em: 6 jun. 2016.

muito carentes que se alimentam de forma inadequada e lhes faltam elementos essenciais da alimentação, devido ao seu maior peso social. O diretor, em contato com esse universo, descobriu que, segundo a Food and Agriculture Organization of the United Nations, agência especializada no combate à fome e à pobreza do sistema Organização das Nações Unidas, os indivíduos que vivenciam a fome crônica são aqueles que sofrem de Insegurança Alimentar Grave (IA Grave)²⁹. Assim, o documentário pode ser visto como uma denúncia à precariedade em que vivem milhões de brasileiros espalhados por todas as regiões, sobre o impacto da IA grave, a partir do olhar do diretor para quem passa fome, quem luta contra ela no cotidiano. Traz imagens que ilustram algo que grande parte da população conhece apenas por meio de mediações, como leitura e fotografias.

Garapa mostra como a fome, em toda a sua concretude, acaba moldando certo modo de vida, com reflexos em todos os aspectos do cotidiano de uma família, mesclando sentidos sociais aos pessoais. Traz um painel da pobreza, de mulheres como vítimas e resistentes, de maridos alcoólatras e fragilizados, de famílias afogadas em imobilismo, do assistencialismo governamental muitas vezes insuficiente. Entretanto, a fome representa um dos elementos de suas vidas, uma condição que determina uma série de coisas, mas não todas. É possível observar que a insegurança alimentar grave não impede o estabelecimento de relações afetivas, da convivência social: as pessoas riem, contam piadas, fazem fofocas sobre os vizinhos, mudam de humor, amam, odeiam. Tais condutas, segundo Freitas (2003, p. 104), apontam “para um sentido maior de família, como uma instituição que abraça valores que reproduzem imagens culturais necessárias à sobrevivência e formas de apoios que arrefecem o sofrimento das carências materiais”. A fome crônica não gera egoísmo em relação à comida, por exemplo. Apesar do pouco que se tem, sempre que possível, divide-se a comida. Tal afirmação pode ser ilustrada pela história da Rosa (cena: 1º7’25’’), quando, ao receber o benefício pecuniário do Bolsa Família, divide a comida obtida com o mesmo com a mãe, o avô e mais algumas outras pessoas próximas. Além disso, o documentário prioriza as imagens das crianças se alimentando, quando há o que comer, parecendo

²⁹ A Insegurança Alimentar Grave se trata da classificação do grau de segurança alimentar e nutricional medida através da Escala Brasileira de Insegurança Alimentar, sendo caracterizada por aqueles domicílios que, além dos membros adultos, as crianças, quando houver, também passam pela privação de alimentos, podendo chegar a sua expressão mais grave, a fome (PEREZ-ESCAMILLA et al., 2004).

mostrar que os pais tendem a priorizar a oferta de alimento aos seus filhos, ainda que para isso tenham que deixar de se alimentar.

As refeições mostradas no ‘longa’, que, na maior parte das vezes, resumem-se ao consumo da garapa, são realizadas no chão, onde as crianças dividem o espaço com moscas e outros animais, evidenciando limites tênues entre a vida dos animais e dos indivíduos expostos a estas condições de vida. O momento da refeição em nada remete ao prazer, mas a um ato de sobrevivência.

A comensalidade, nesse grupo social, é orientada por um padrão cultural do ‘comer para viver’ como enfatizou DaMatta (1987), o ato de comer é considerado uma instrumentalidade da ingestão de alimentos que mantém a ‘barriga cheia’ de energia para sustentar o corpo. Ainda, assim, observamos ritos que se relacionam com a vida social, o cotidiano alimentar.

Em uma das famílias, por exemplo, quando há um pouco mais além da garapa, a mãe banha os filhos antes da refeição e arruma-os sobre um pano limpo antes de sentá-los no chão de terra. Depois entrega a cada um, talher e recipiente com caroços de feijão em uma mistura que parece farinha e um pouco de óleo ‘para dar um gosto’ (cena: 13’34’’).

À mulher, assim, atribui-se o mundo da casa, da família, das regras e costumes relativos “à mesa”. O simbolismo da cozinha, mesmo quando esta se mistura à sala e ao quarto, é o espaço da casa a princípio vedado aos homens, “é lugar só de mulher...”, como diz a música popular (DaMATTA, 1986). As mulheres, em *Garapa*, são as que ocupam uma posição fundamental na alimentação da família por vários motivos: controlam as compras de alimentos, seu processamento e distribuem a comida entre os componentes da família. Os homens, fracassados diante do papel de provedores atribuído a eles pela sociedade, tornam-se pessoas dependentes, sendo o alcoolismo recorrente. É interessante notar que a mesma cana-de-açúcar, matéria-prima da produção da garapa que serve de alimento às crianças retratadas no filme, é a matéria-prima da cachaça que acaba por gerar dependência alcoólica nos adultos.

Entendemos que nas famílias do documentário, a comensalidade não se dá, somente, como algo que ocorre à mesa, mas também como elemento presente no qual a comida se encontra ausente, como a maior parte das situações retratadas em diversas cenas no filme. Assim, há comensalidade onde se tem relações sociais sendo mediadas pela comida, esteja ela presente ou ausente.

Entendendo a comensalidade também como um elemento produtor de humanidade, já que esta permitiu o salto da animalidade em direção à humanidade a partir do momento que os antropoides não mais consumiam os alimentos coletados individualmente, mas os distribuíam com os demais e comiam comunitariamente (tendo as refeições uma função social), o que ontem nos fez humanos, continua ainda hoje a nos fazer de novo humanos (BOFF, 2012). E se não estiver presente, fazemo-nos desumanos.

O sentido formal da fome

A fome retratada no filme é também uma categoria estética e faz parte de uma tradição inaugurada no Cinema Novo. Segundo Ivana Bentes (2011):

O Cinema Novo explode num país majoritariamente rural e traz para as telas, como uma novidade radical, a imagem do sertão como inferno arcaico, lugar do atraso, do sofrimento, da imobilidade, da prisão a céu aberto, como no filme paradigmático dessa “escrita”, *Vidas Secas*, enquanto as favelas e espaços da pobreza urbana surgem nesse cinema como signos de uma pobreza já plena de potencialidades (BENTES, 2011, p. 174).

Interessante é observar que a retratação da situação vivenciada na região documentada em *Garapa*, no ano de 2005, pouco mudou desde *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, romance escrito entre 1937 e 1938. Graciliano narra a história de uma família que foge da seca do sertão nordestino. Em *Garapa*, Padilha optou por demonstrar o cotidiano de três famílias da região. Em ambos, evidenciamos uma direção comum – o silêncio – das palavras da personagem Fabiano, de Graciliano Ramos (RAMOS, 1969), e do que parece ser um temor à presença da fome e da falta de tudo no cotidiano das famílias de *Garapa*. Silêncio esse marcado em uma sonografia feita em som estéreo 5.1, concentrado nas caixas centrais, com um efeito similar ao antigo ‘mono’ e sem a utilização de músicas. Padilha quebra o silêncio ao expor em sua obra os famintos do Brasil através da história daquelas famílias.

O filme do gênero documentário foi gravado em preto e branco e em lentes fixas, outra aproximação entre *Garapa* e *Vidas Secas*, aqui se tratando do filme de Nelson Pereira dos Santos, adaptado da obra de Graciliano Ramos. Segundo Padilha, *Garapa* foi filmado em película de 16 milímetros e em preto e branco, como nos filmes antigos. Essas opções buscaram retirar da obra tudo aquilo que não fosse essencial do ponto de vista do cinema [ACADEMIA, 2000?].

O filme começa em fundo preto no qual o seguinte fragmento de texto de Josué de Castro aparece escrito em branco: “(...) se deixam morrer lentamente de fome, apesar de comerem todos os dias.” Obviamente, o diretor busca impactar o telespectador logo de início, apresentando o modo pelo qual o fenômeno da fome será caracterizado, isto é, de forma nua, sem o colorido da vida.

As histórias das três famílias personagens não se dão de modo contínuo, há muitas trocas de cena, alternando a história de uma família para outra, de modo a possibilitar uma análise generalizada e, talvez, homogênea, da situação da região. A fotografia do filme muito lembra a de Sebastião Salgado, famoso fotógrafo brasileiro adepto de fotos em preto e branco que buscam retratos da realidade socioeconômica da atualidade. Através das imagens do fotógrafo contemplamos a idealização do autor da obra da experiência humana e compreendemos, assim como através do documentário, aquela realidade, pois ambos – a imagem e as imagens em movimento – consentem uma representação que contém elementos da realidade objetiva fotografada e filmada.

Em *Garapa*, é como se a opção pela escassez de recursos cinematográficos feita pelo diretor buscasse demonstrar a intensa escassez de todos os tipos de recursos daquela região geográfica. Além disso, a opção acaba por evidenciar a monotonia da oferta e disponibilidade de alimentos nos lares dos personagens. Ressalta-se que ao final do filme, mais uma vez, demonstra-se o preparo da bebida garapa e o seu consumo e ao fundo preto são trazidos dados alarmantes sobre a fome no mundo e no Brasil, como a morte de 1.400 crianças durante a projeção do filme e 11,5 milhões de brasileiros, em 2007, que, mesmo beneficiados pelo Bolsa Família, viviam em situação de insegurança alimentar grave.

O sentido econômico e jurídico da fome

Tecer comentários sobre os sentidos da fome em *Garapa* no âmbito econômico, em especial em relação a fatores como: entretenimento, produção, distribuição e consumo na lógica da indústria não é uma tarefa fácil; ao contrário, trata-se de uma tarefa árdua, tendo em vista as peculiaridades retratadas na película que denotam a grande desigualdade socioeconômica ainda vivenciada pela sociedade brasileira.

Inicialmente, cumpre afirmar que o documentário, lançado em cinco cópias em película, não apresenta a proposição de uma diversão para milhões de espectadores, estando distante da lógica da mercantilização da indústria do entretenimento. Produzido pela empresa do próprio diretor, o filme propõe reflexões e debates ao apresentar

problemas sociais e realidades, que podem ser distintas às vivenciadas pelo espectador. É um filme associado à campanha “O direito humano à alimentação adequada”, e sua renda foi revertida para as famílias que protagonizam o documentário. De modo notório, o que mais nos chama a atenção em *Garapa* é a representação da miserabilidade do ser humano, a forma contundente que a fome no Brasil é retratada, especificamente a do sertanejo nordestino.

Em busca da retratação da vida das pessoas que passam fome, o diretor e sua equipe se deslocaram para o sertão nordestino, apenas com alguns contatos de Organizações Não Governamentais – ONGs locais, sem a realização de uma pré-seleção das personagens. As três famílias, da Rosa, Lúcia e Robertina, vivenciavam experiências de milhares de famílias famintas; pobreza e fome se apresentam entranhadas uma na outra.

No diálogo entre nós, espectadores e autores deste texto, e o objeto fílmico, um sentido produzido está no significado de comer alimentos ricos em calorias e pobres em nutrientes ou, como no filme, beber a mistura de água com açúcar ou rapadura.

No seio das discussões do campo da Alimentação e Nutrição, no qual inserimo-nos, está a discussão da promoção ao consumo de alimentos com alta densidade calórica pela indústria alimentícia. Registramos que o consumo desses alimentos mais baratos e altamente calóricos não se restringe ao ambiente de extrema miserabilidade retratada no filme; é interessante registrar que o alto consumo de alimentos hipercalóricos, repletos de sal, gordura e açúcar está presente em diversos ambientes, inserido numa lógica mais similar a nossa realidade.

O estímulo ao consumo desse tipo de alimento também se dá em razão da estratégia das indústrias alimentícias disponibilizá-los, cada vez mais, em diferentes lugares para que os mesmos aparentem ser mais convenientes (MOSS, 2015). Corroborando o exposto, no caso do documentário analisado, cabe frisar a fala de seu respectivo diretor José Padilha, que, ao comentar sobre o uso excessivo da bebida ‘garapa’, declarou que “Se você calcular custos, a forma mais barata de comprar caloria é comprando açúcar ou rapadura. O que explica dois fenômenos muito comuns: pessoas desnutridas e obesas [...]” [ACADEMIA, 2000?].

Ressalta-se que embora a fome seja o tema central do documentário é notório a associação entre uma questão econômica e este fenômeno, assim como ao fenômeno da obesidade, tanto um quanto outro afetam pessoas menos favorecidas economicamente. Consumir alimentos altamente energéticos é intenção principal de matar a fome, nos

casos de pessoas famintas, e de saciar desejos, quando falamos, por exemplo, de consumidores compulsivos de alimentos industrializados com alto teor de gordura, açúcar e sal, todos fortes realçadores de sabores.

É importante pontuar a correlação entre o consumo de alimentos pobres em nutrientes não somente entre aqueles que passam fome, mas, atualmente, também em relação àqueles que buscam praticidade em sua alimentação, sem se atentar que as necessidades vitais do ser humano em muito transpassam o simples gesto de se alimentar. O direito humano à alimentação adequada e saudável não é apenas infringido quando pessoas são expostas à fome, sem dúvida, uma das maiores ofensas à dignidade humana, mas também quando a alimentação adequada é colocada em risco (PADRÃO et al, 2015).

Nesse momento, cabe definir o que vem a ser alimentação adequada e saudável sob a ótica do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional:

A alimentação adequada e saudável é a realização de um direito humano básico, com a garantia ao acesso permanente e regular, de forma socialmente justa, a uma prática alimentar adequada aos aspectos biológicos e sociais dos indivíduos, de acordo com o ciclo de vida e as necessidades alimentares especiais, pautada no referencial tradicional local. Deve atender os princípios da variedade, equilíbrio, moderação, prazer (sabor), às dimensões de gênero e etnia, e às formas de produção ambientalmente sustentáveis, livre de contaminantes físicos, químicos, biológicos e de organismos geneticamente modificados (CONSEA, 2007, p. 31).

Destacamos que este conceito foi construído de modo coletivo, fruto da confluência de diferentes elementos, e é de enorme valia, funcionando como princípio para a elaboração e execução de políticas públicas concernentes à temática.

Pode parecer, à primeira vista, que falar em adequação da alimentação em um filme que retrata histórias de pessoas famintas é algo distante e fora do contexto. Contudo, buscar soluções para o enfrentamento desse fenômeno vai além de “matar a fome” dessas famílias com qualquer alimento, como o feijão recebido por Robertina, que com humor diz que é tão duro que até dá para colocar na espingarda, mas que para quem não tem, dá para comer (cena: 16’30’’).

De fato, a campanha “O direito humano à alimentação adequada” teve como marco inicial a luta contra a fome, mas é sabido que os seres humanos necessitam de muito mais do que atender suas necessidades energéticas ou nutricionais. O direito à alimentação não pode ser interpretado em sentido estrito ou restritivo, deve ser entendido como um processo de transformação da natureza em gente, saudável e cidadã (ABRANDH; CERESAN; CONSEA; FAO-RLC/ ALCSH, 2009), pois quem tem fome

de alimentos, também tem fome de cidadania. Dessa forma, é necessário debruçar por políticas de alimentação e nutrição que logrem práticas que respeitem não só os aspectos biológicos, mas também os socioculturais, entre tantos outros.

Destacamos que o direito à alimentação é um direito fundamental à dignidade humana e resguarda o maior bem jurídico tutelado pelo direito que é a vida. A carência de alimentação pode levar a uma debilidade extrema da vida e, até mesmo, ocasionar a sua extinção em casos mais acentuados. Dada a fundamentalidade deste direito, patente é a necessidade de implementação efetiva de políticas públicas e ações governamentais que inferem sobre o tema.

Mesmo antes da introdução formal do direito fundamental à alimentação ao catálogo de direitos fundamentais sociais constante do artigo 6º da Constituição da República pela Emenda Constitucional nº 64, de 2010, pode-se afirmar que o mencionado direito já se encontrava compreendido na ordem constitucional brasileira através do artigo 5º, parágrafo 2º, tendo em vista que o Brasil havia ratificado, em 1992, o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, o qual reconhecia o direito de todas as pessoas de estarem livres da fome, além de obrigar os Estados-parte a adotarem medidas e programas concretos para atingir este fim (ZIMMERMAN, 2007).

Além disso, o direito fundamental à alimentação já vinha definido pelo artigo 2º da Lei 11.346/2006, que criou o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN), segundo a sua redação:

A alimentação adequada é direito fundamental do ser humano, inerente à dignidade da pessoa humana e indispensável à realização dos direitos consagrados na Constituição Federal, devendo o poder público adotar as políticas e ações que se façam necessárias para promover e garantir a segurança alimentar e nutricional da população (BRASIL, 2006).

Entretanto, a inserção do direito à alimentação no rol dos direitos sociais trouxe a normatividade destinada a um direito fundamental, fazendo com que a aplicabilidade deste direito pudesse ser jurisdicionalmente garantida. Sendo considerado direito à alimentação um direito social e, portanto, um direito humano, possui como características a universalidade, indivisibilidade, inalienabilidade, bem como a interdependência de outros direitos humanos, não podendo ser concretizado sem a existência de outros direitos como, por exemplo, o direito à saúde.

No caso brasileiro, registramos a partir dos anos 2000 o tema da segurança alimentar e nutricional integrando parte da agenda política dos governos com a elaboração de normativas específicas. Em 2006, como visto, foi sancionada a Lei

Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN) (BRASIL, 2006), que prevê a organização de um Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional; já em 2010 foi elaborada a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN) (BRASIL, 2010), que define parâmetros para a elaboração do Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, com posteriores revisões.

Em *Garapa*, observamos, ainda, entre os diversos elementos cabíveis de análise, que a fome está associada a outros fenômenos, como o desemprego e a, conseqüente, escassez de recursos financeiros. Numa das cenas (cena: 1º1'33''), a cunhada de Rosa diz que o marido 'até tem vontade de trabalhar', mas a população da região é tão carente e pobre que, mesmo quando tem serviço, não há pagamento em dinheiro para tal.

O desemprego também significa, associado a outras condições socioeconômicas como violências e drogas, por exemplo, não somente a vida precária das famílias, mas também, como pontuado por Freitas (2003), os problemas das outras faltas sociais devidas à região e à grande parte da sociedade brasileira: "Pois, dentro da casa, a vida não é menos precária do que fora dela e, quase sempre, os problemas traspassam a morada e seguem em direção aos vizinhos, à rua, ao bairro, como uma grande família que acolhe, ou pune e desdenha" (FREITAS, 2003, p. 83).

Na casa de Lúcia, ferve-se a água no fogo, o qual é feito com papel e madeira no chão, e é no chão que a família faz seus dejetos que depois são depositados em sacos plásticos e colocados do lado de fora da casa, ao outro lado da rua. Saneamento básico é apenas mais umas das faltas vivenciadas pelas famílias.

Desse modo, a autora declara que nas condutas daqueles que sentem fome pode haver as mais diferenciadas regras de agir, significadas por diversas percepções. Num bairro de Salvador, cidade do Estado da Bahia, os moradores nessas condições sentem angústia, revolta e a droga é atraída para o consumo ou a venda. Assim, o documentário, ao provocar uma discussão sobre 'fome', descortina outros problemas estruturais de nosso País.

Faz-nos também refletir sobre a efetividade de programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, para, como descrito em sítio virtual³⁰, "enfrentar o maior desafio da sociedade brasileira, o de combater a fome e a miséria, e promover a emancipação das famílias em situação de maior pobreza no país".

³⁰ Disponível em: <<http://bolsafamilia.datasus.gov.br/w3c/bfa.asp>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

Ao que nos parece através da simples análise do filme, não é certo afirmar que a família personagem participante do programa Bolsa Família retrata, *in totum*, a realidade de todos os beneficiários do programa. Contudo, é um bom recorte que nos ajuda a refletir sobre esse tipo de instrumento de implementação de políticas públicas sociais no país, que porta aspectos positivos, ao ajudar pessoas em estado de extrema pobreza, mas ainda carece de maior interdisciplinaridade com políticas estruturantes, como políticas de educação e de desenvolvimento rural, que contribuem sobremaneira para possibilitar uma condição efetiva de saída da extrema pobreza e diminuição das desigualdades sociais.

Registramos que, segundo o retratado no documentário, essa intervenção política possibilitaria alimentação por somente 12 dias, sendo um benefício de recebimento mensal que não é apto a lograr alimentação para o integral mês em referência.

O sentido pessoal da fome

A memória considerada enquanto propriedade de conservar certas informações nos remete, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Analisou-se o documentário *Garapa* dentro (e nos limites) da dimensão pessoal, buscando explorar no contexto as histórias de vida que o documentário nos apresenta, através das memórias narradas dos seus personagens. Le Goff (2003) assinala que, sob esta perspectiva, os diversos campos científicos (psicologia, psicofisiologia, neurofisiologia, biologia e psiquiatria) que estudam a memória podem contribuir para a compreensão das características e dos problemas da memória social e histórica.

Buscando analisar a dimensão pessoal desta obra, optamos, nesse momento, em organizar e dividir a análise em três grandes blocos (figura 1), nos quais são condensadas cenas de cada uma das personagens – Rosa, Robertina e Lúcia. Nossa opção se fez por acreditarmos que a dimensão pessoal é reveladora das outras dimensões. Nosso intuito foi coletar e concentrar o máximo de informações possíveis sobre cada uma das protagonistas a fim de ser possível construir um quadro mais amplo de seus contextos. Acreditamos que assim seja possível respeitar os limites deste trabalho, inclusive de espaço para publicação, e auxiliar de forma mais simples as interpretações da dimensão proposta.

Como veremos, o documentário *Garapa*, ao narrar a repetida história de luta diária contra a fome das famílias que vivem a extrema pobreza, traz em específico um recurso diferente que é mostrar outros universos dos personagens, para além do tema fome, possibilitando-nos ver as relações sociais internas com seus pares – filhos e companheiros – até as relações sociais mais externas – vizinhos, conhecidos da cidade, profissionais da saúde, entre outros –. Faz-nos perceber as três famílias, protagonizadas por mulheres, para além de sua angustiante luta contra a fome, sua relação com outra dimensão da vida humana, entender suas leituras de mundo, perspectivas, raízes, trajetórias, papéis na organização do lar, aspectos pessoais que nos marcam como seres humanos e que ao conhecê-los em suas narrativas nos faz criar empatia.

A dimensão pessoal em algumas sequências do documentário Garapa

Sequência 1 – A vida de Rosa	Cenas	Assunto
<p>Nesse primeiro bloco de cenas sequenciadas é apresentado o cotidiano de Rosa e sua família, na qual percebemos a drástica distância que ela e sua cunhada têm que caminhar toda semana para receber o auxílio de leite. Depois temos a cena da sua decepção em ter andado quilômetros em vão. Vemos Rosa chegar da cidade com o pouco de leite que foi possível pegar e, em seguida, trabalhando em seu lar, administrando os mantimentos, organizando-os para que dure por mais tempo, preparando o leite (única refeição do dia) para as crianças. Percebe-se sua frustração e o receio de não saber o que terá para comer nos próximos dias, mas mesmo assim se mantém ativa, buscando soluções e estratégias para o problema exposto, sem reclamar ou desistir.</p>	Cena 1: 2'20''	Início do filme, sertão, casebre e crianças brincando.
	Cena 2: 3'31''	Duas mulheres andando em um destino sem fim, o horizonte ao fundo, o destino a se ir.
	Cena 3: 5'3''	Rosa e sua cunhada chegam na cidade, e uma moradora avisa que não houve abastecimento de leite.
	Cena 4: 5'22''	Conversa entre Rosa, a cunhada e a moradora do centro da cidade, Rosa se lamenta, e mostra preocupação do está por vir quando chegar em casa sem o leite. Ao fundo a narração da apuração das escolas de samba.

	Cena 5: 5'36''	Rosa e sua cunhada retornam para casa com alguns sacos de leite, ao que parece doados pela moradora.
	Cena 6: 7'	A expectativa e posterior frustração ao perceber que elas não conseguiram a doação de leite, e o desabafo/indignação da cunhada de Rosa ao relatar que já seria a 2ª semana de viagem perdida.
	Cena 8: 8'38''	Rosa preparando a garapa, racionando os mantimentos, provavelmente imaginando o que vai ser dos próximos dias. E a expectativa e ansiedade das crianças, aguardando a mamadeira de garapa.
As condições selvagens sob a qual as crianças são inseridas fazem com que elas vivam em estado de animalidade. O que nos chama a atenção é o não incômodo demonstrado mesmo com tantas moscas pousando no corpo da criança.	Cena 7: 7'39''	Crianças deitadas ao chão, moscas pousando nos corpos.
A expressão de serenidade, desfrute, prazer e alívio das crianças deitadas se alimentando, como se nada mais importasse além daquele momento. Pode-se interpretar que é o momento mais feliz para essas crianças.	Cena 9: 8'53''	As crianças deitadas no chão bebendo a mamadeira com garapa.
Percebe-se nessa cena que não só há falta dos substratos. Mas também a falta de oportunidade de trabalhar é um elemento que frustra o marido de Rosa. A ideia de matricular as crianças na escola como estratégia de receber mais algum auxílio.	Cena 17: 30'53''	Marido de Rosa narra a rotina de luta contra a fome, a falta de oportunidade de trabalho, o pouco dinheiro que tem para passar o mês inteiro. Revela que em 28 anos de vida, nunca fez três refeições no mesmo dia e aponta que a garapa é o meio que encontra para administrar a fome.
	Cena 21: 46'	Esposo de Rosa explica a falta de remédio quando as crianças sentem dor de dente. A câmera enquadra a face do marido falando sobre o assunto.
	Cena 22: 1°	Rosa e sua cunhada narram o quadro de desnutrição de seus filhos.
	Cena 26: 1°8'	O marido de Rosa fala sobre as assistências sociais que recebe e as crianças que são matriculadas na escola.

<p>O filho de Rosa está com muita dor de dente e vem chorando pedir ajuda a mãe. Rosa não tem recurso para solucionar a angústia do filho.</p> <p>O desabafo do pai ao dizer que infelizmente não tem dinheiro para poder resolver o problema da dor de dente do filho.</p> <p>Informado que o remédio que o documentarista doou não curou a criança do problema, mas aliviou a dor momentânea, o pai parece não compreender tal diferença. Então, entende que o jeito é arrancar o dente para melhorar.</p>	Cena 29: 1º20'	O filho de Rosa vem chorando, está com dor de dente.
	Cena 30: 1º22'	O desabafo do pai ao dizer que infelizmente não tem dinheiro para poder resolver o problema da dor de dente do filho.
	Cena 31: 1º23'	A cena mostra a criança chorando novamente com dor no dente.
<p>Vemos, na verdade, uma organização familiar complexa: de um lado, uma mulher que não desistiu da vida, que quer viver e busca formas para garantir sua sobrevivência e de sua família; e de outro, o esposo, um homem de 28 anos de idade, que em vez de ajudar a esposa, vê o desespero da fome aterrorizar sua casa, sua família e seus filhos, e estaticamente não age, não se manifesta, não divide a responsabilidade com sua esposa, tornando-se, na verdade, mais um ser dependente da busca da esposa, em vez de ser mais um aliado, justificando sua impotência diante da falta de oportunidade de trabalho. O que nos faz perceber a inversão dos papéis simbólicos de liderança do lar, muitas vezes designados ao homem como o provedor.</p>	Cena 33: 1º29'	Rosa vai buscar água com seus filhos, carregando os pesos em cima da mula, enquanto seu marido se encontra sentado ao chão pensando com seu cigarro à boca.
	Cena 39: 1º35'	Rosa prepara a garapa para seus filhos, e a expectativa, pressa e ansiedade das crianças aguardando para beber.
	Cena 40: 1º36'	O marido de Rosa na varanda de casa com ela, e seus filhos deitados brincando no chão, desabafa e lamenta de que adianta ter uma casa tão grande se não tem dinheiro para comer.
	Cena 42: 1º41'	Rosa narra sua relação com a fome, explica que recebe ajuda do Fome Zero, mas que o dinheiro é pouco para passar o mês. Quando interrogada sobre o que ia oferecer aos filhos, ela diz que tem o leite, também é fruto de doação. Em seguida, o autor pergunta se os adultos iam ter o que comer e Rosa, mexendo em sua vassoura e um cigarro na boca, diz que não teria comida para os adultos.

	Cena 43: 1°42'	A câmera enquadra no filho de Rosa deitado ao chão, nu, gemendo de dor de dente.
Sequência 2 – A vida de Robertina	Cenas	Assunto
Na sequência de cenas selecionadas ao lado podemos observar um momento de cumplicidade entre o casal, de ajuda mútua e separação de tarefas entre eles. Observamos, de um lado, Albertino em papel culturalmente designado ao homem: o trabalho de força, é quem carrega o peso, pegando água no rio. De outro, Robertina exerce o papel das tarefas hegemonicamente designadas à mulher: cuidar do lar, lavar roupas. Percebemos o diálogo cotidiano de um casal comum, Robertina cobrando agilidade de Albertino e ele pedindo para ela trazer os baldes.	Cena 10: 9'36''	Robertina sorri ao falar sobre o calor habitual enquanto prepara os barris e baldes na mula para buscar água no rio.
	Cena 11: 10'5''	Robertina apressa Albertino seu esposo para ir buscar água, pois ela quer lavar roupa. Albertino pegando os baldes cheios de água e colocando-os na cisterna e Robertina lavando as roupas.
Nessa sequência é possível perceber a relação de afeto e carinho de Robertina com seus filhos, em meio a tantas faltas, a sua preocupação em preparar um ambiente limpo, o cuidado e a paciência para acomodar cada filho para o momento da refeição. Cena em que mostra o cuidado e o amor pelos seus filhos. No entanto, a condição de extrema pobreza não derrama a falta de dignidade em que vivem através de uma das cenas mais exasperantes do documentário, as crianças sentadas ao chão comendo com milhares de moscas sobre seus corpos, sua comida. Em seguida, trazemos outra cena em que Robertina explica o que gera tantas feridas. Percebe-se que ela tem consciência do problema, mas ao mesmo tempo uma conformação com ele, por saber que não tem recurso para resolver.	Cena 12: 11'32''	Albertino carrega os barris de água, enquanto seus filhos com as barrigas extremamente inchadas e pernas rodeadas de feridas ficam montados na mula aguardando o pai.
	Cena 14: 13'34''	Robertina depois de banhar seus filhos, prepara o local para as crianças almoçarem, põe uma toalha limpa no chão de terra, penteia os cabelos da criança e, cuidadosamente, entrega a cada uma o pote com o feijão, farinha, um pouco de óleo e o talher.
	Cena 15: 15'47''	Crianças comendo em meio a dezenas de moscas passando e pousando por todo o corpo, cheio de ferida, no alimento e por todo espaço por eles ali ocupado.
	Cena 28: 1°19'	Robertina, ao falar das feridas no corpo das crianças, explica que as feridas é alergia, que o médico alega que tem que se livrar das moscas. Mas Robertina diz que como não tem como acabar com as moscas, o menino vai continuar com feridas.
	Cena 18: 33'	Robertina conta sua história de vida, fala de seus pais e sua infância. Revela que em sua casa não tinha rede, dormiam no chão. A mãe era alcoólatra, vendia as coisas de casa em troca de bebida, e depois que o pai de Robertina morreu ficou pior. E, como desdobramentos dessas atitudes, hoje, não só ela, mas seus

<p>para si. Robertina não tem certeza de sua idade, não tem nenhum registro escrito. Percebe-se que cabe a sua memória o papel pragmático comum de inseri-la em cadeias de identidade do seu eu.</p>		<p>irmãos também a abandonaram e ela vive sozinha.</p>
	<p>Cena 22: 47'</p>	<p>Albertino deitado dizendo que bebeu na noite anterior e que por isso não quis ir trabalhar. Mas, alegando que Deus dá, que Deus não iria deixar eles passarem fome.</p>
	<p>Cena 27: 1º9'</p>	<p>Robertina diz acreditar ter menos de trinta anos, mas que não tem certeza por não ter nenhum documento. E, por conta da ausência de documentação não consegue receber ajuda assistencial.</p>
<p>Nesse depoimento de Robertina podemos identificar como ela percebe sua família, ao falar dos momentos em que vê seus filhos passarem fome e não ter o que oferecer, um sentimento de impotência, de sentir afetada por um mal que não tem rosto, um sujeito indeterminado, mas que tem o poder de ferir sua família, a fome.</p>	<p>Cena 38: 1º34'</p>	<p>Robertina, ao falar dos seus onze filhos, se emociona ao dizer que sofre por ver os filhos passarem fome e não ter comida para poder alimentá-los.</p>
	<p>Cena 45: 1º45'</p>	<p>Os filhos de Robertina choram de fome, os pais os colocam na rede, e Robertina rapidamente prepara um copo de garapa e dá a cada filho e as crianças param de chorar.</p>
<p>Nessas duas narrativas é possível perceber duas interpretações distintas do casal para o mesmo assunto, a gestação. Ao observar Albertino, percebemos despreocupação quanto ao tema, mostrando não acreditar que suas ações podem gerar consequências, seja para prevenção ou para reprodução de mais filhos, segundo ele cabe à vontade de Deus determinar se ele vai ter ou não mais filhos. No entanto, Robertina, mesmo deixando em sua fala certa crença quanto ao destino como um determinante, mostra-se mais consciente da importância de usar contraceptivos, mas justifica que o motivo de não aderir ao uso está em ainda não ter encontrado um método com o qual se identifique, mas que está aberta a possibilidade caso surja.</p>	<p>Cena 37: 1º33'</p>	<p>Albertino narra seu ponto de vista a respeito de ter filhos, segundo ele o pobre quando “anda” com a mulher, a tendência é aparecer filho mesmo, e sorri. O documentarista o questiona sobre a relação do número de filhos e dificuldades financeiras para mantê-los. Albertino discorda sobre essa relação, alega que Deus dá, e sorri.</p>
	<p>Cena 38: 1º34'</p>	<p>Robertina narra seu ponto de vista a respeito de conceber mais filhos, segundo a mesma, ela concorda, mas diz que não conseguiu encontrar uma alternativa que realmente consiga ajudá-la, explicou que os comprimidos ela não gosta, que as injeções ela não acredita, pois teve casos de pessoas conhecidas que usaram, mas engravidaram da mesma forma. Por fim, credita ao destino o poder de decisão da sua vida, se ele achar que ela deve engravidar, vai ser. Robertina diz que mesmo assim está aberta a experimentar um novo remédio que a profissional ficou de lhe dar, mas que até então ainda não havia levado.</p>
<p>Essas duas cenas contrastam outro aspecto identificado no cotidiano da família de Robertina e Albertino, o bom humor, a alegria do sorrir,</p>	<p>Cena 16: 16'30''</p>	<p>Robertina relata com bom humor a má qualidade do feijão que recebeu de doação.</p>

mesmo em meio a tanto caos. E na cena seguinte, a angústia e preocupação, mostrando duas situações opostas, mas que, independente da razão que as impulsiona, está presente em nosso dia a dia.	Cena 20: 41'	A angústia do desabafo de Albertino sobre a falta de água para a plantação e do temor do futuro da família pela falta de comida.
Sequências 3 – A vida de Lúcia	Cenas	Assunto
Ao observarmos a vida de Lúcia nos deparamos com outro aspecto das relações matrimoniais. A infidelidade conjugal, situação presente na sociedade contemporânea e também presente na vida de Lúcia.	Cena 19: 35'	O contraste da representatividade dos papéis na família de Lúcia e Flávio. Em momentos simultâneos e contrastantes a cena mostra Flávio no bar flertando e bebendo com uma mulher, enquanto Lúcia sai pela rua carregando suas três filhas em busca de alimento para sua família.
Nessas duas situações ocorre a tentativa de ambos os lados em centrar a culpabilidade no companheiro, e a negação de suas obrigações para com as filhas e o lar.	Cena 23: 49'	Lúcia recebe o diagnóstico profissional de desnutrição de suas filhas, e a opinião de Flávio sobre essa situação, que culpa Lúcia.
	Cena 24: 51'	Diálogo de Lúcia com a nutricionista social. Lúcia responde às perguntas da nutricionista. Culpabiliza Flávio praticamente por todas as faltas na sua casa, de higiene e prevenção de doenças. Mas o defende quando é questionada por continuar convivendo com o mesmo
Um outro elemento das relações identificado é o papel de submissão, a guarida ou passionalidade que Lúcia assume perante Flávio.	Cena 25: 1º3'	A discussão entre Lúcia e sua vizinha, na qual a última argumenta que na verdade Lúcia que ajuda a alimentar os vícios do marido, apontando que a doação que Lúcia pega no prédio o marido usa para vender e comprar bebida.
Essa cena nos chama a atenção pelo tom sarcástico e crítico que a profissional fala com Lúcia, demonstrando ter percebido que Lúcia com frequência usa o Flávio como o seu alicerce para justificar a causa do não cumprimento de suas responsabilidades.	Cena 32: 1º26'	Lúcia ao levar suas filhas ao centro nutricional precisa procurar um documento, mas sua sacola com os cartões está toda amassada. A agente nutricional chama a atenção de Lúcia sobre a falta de cuidado com os cartões e diz que a isso ela não poderia querer também responsabilizar o marido.
Aqui identificamos outro elemento pessoal na vida de Lúcia. A violência que ela sofre do marido. Flávio a ofende enquanto a mulher com suas filhas escuta em silêncio ou comem de cabeça baixa, sem ter coragem de reagir. O que faz refletir sobre qual impacto essas cenas terão na formação dos filhos desse casal.	Cena 34: 1º30'	Lúcia vinda do centro nutricional é recebida aos berros e palavrões por Flávio, que está com fome e sua mulher não tinha arrumado nada para ele comer.
	Cena 35: 1º30'	Lúcia explica o motivo da reação de Flávio enquanto pendura a roupa no varal com a filha no colo.
	Cena 44: 1º43'	Cena familiar, Lúcia, Flávio e seus filhos em casa. Lúcia preparando um lanche para si e suas filhas, e Flávio irritado, reclamando e

		desqualificando-a pela falta de higiene e esforço da mulher. Lúcia comendo, ouvindo, mas sem mostrar incômodo ao exposto.
<p>Nessa narrativa de Flávio sobre sua trajetória no mundo até o momento ao qual se encontra, percebe-se que ele veio de família pobre e que provavelmente perdeu seus irmãos por consequência da condição de pobreza sob a qual conviveram. Posterior a isso, identificamos um aspecto na experiência de Flávio em relação ao viver junto, na qual expõem que para ele se casar é sinônimo de ser submisso da mulher ou que o homem pode ser feito tolo. Narrativas que podem corroborar o comportamento autoritário e dominador em relação à Lúcia.</p>	Cena 36: 1º31'	<p>Flávio narra sua história de vida, diz que nasceu e se criou no centro de Fortaleza. Família com sete irmãos, morreram quase todos. Restou um irmão que mora no baião e a irmã que vende metal. Sobre os demais, afirma que morreram todos, pai, mãe, tio e tia. Questionado pelo documentarista se pensa em ter mais filhos, enfático, Flávio responde que não. Os três que tem já bastam. Mas revela ter convivido 17 anos com uma outra mulher e que com ela tem mais duas filhas que vivem no centro da cidade, uma filha solteira e outra divorciada após ter traído o primo dele. Flávio diz que Deus o livre de se casar, pois em sua opinião é só o homem juntar que a mulher já quer mandar. Termina dizendo, imagina se casado. Quando questionado sobre quais medidas tem tomado para prevenir a gravidez, ele diz que ele nenhuma, mas que Lúcia toma remédio.</p>
<p>Nessa cena identificamos outro aspecto pessoal dessa personagem, o sentimento de tolerância e incapacidade de Lúcia em relação a Flávio. Mesmo ele sendo viciado em bebida, quando não está embriagado, ela o vê como um bom marido, sendo isso um bom motivo para continuar ao seu lado. E a condescendência, pois quando Flávio quer ter relações, ela se sente obrigada a ir atender à vontade do marido.</p>	Cena 41: 1º37'	<p>Lúcia conversa com a nutricionista social e defende o marido. Diz que quando ele está sóbrio é um bom pai, um bom marido, ajuda em casa e que só é violento quando bebe. Quando questionada pela profissional por quantos dias na semana ele é bom, Lúcia diz que a partir de terça, pois como bebe até segunda, depois se recupera e retorna a ser um bom companheiro. Quando interrogada se continua tendo relações sexuais com Flávio, Lúcia sorri e responde que sim, que ele exige ter relações. Quando não vai para fora de casa “namorar”, ele grita, e que não é uma vez, às vezes três. A agente então a orienta para que seja a responsável por colocar o preservativo para assegurar sua saúde. Depois Lúcia faz mais uma revelação, que o documento de sua casa foi queimado por Flávio. Então a profissional a interrompe e a indaga que não entende por que até aquele momento Lúcia não havia denunciado Flávio para as autoridades, e Lúcia torna a defendê-lo, apontando que tais problemas ocorrem sempre “só”</p>

		quando Flavio bebe. Quando sóbrio, é um bom marido.
--	--	---

Considerações finais

A partir do exposto é possível concluir que se o problema da fome e da escassez de alimentos é central em *Garapa*, não é, contudo, absoluto. A fome termina por conformar um determinado modo de vida. Além disso, o documentário demonstra que a insegurança alimentar grave não impede o estabelecimento de relações pessoais, afetivas, de convivência social e de problemas que qualquer pessoa enfrenta cotidianamente. As mulheres amam e odeiam, as crianças brincam e brigam, os homens traem, agriem, outros dependem demasiadamente de sua mulher, há também os que são mais companheiros, todos esses aspectos são tão reais em nossas vidas que fazem dessa narrativa mais humana.

Como aponta Padilha, em uma de suas entrevistas, a fome em *Garapa* não é uma abstração, uma formulação teórica. A fome é um ronco no estômago, uma correria para esquentar o leite que resta para três crianças que choram, uma casa sem móveis, um chinelo gasto, uma parede para pintar, crianças sem escola. Para ele, isso tudo seria somente a ponta do iceberg de um Brasil ignorado, mas que precisa ser visto para ser entendido e, principalmente, transformado.

Para finalizar, citaremos o comentário do célebre diretor Glauber Rocha (2011) acerca da fome no Brasil e os sentidos que ela assume no cinema nacional desde o Cinema Novo. Para Glauber:

De *Aruanda* a *Vidas Secas*, o Cinema Novo narrou, descreveu, poetizou, discursou, analisou, excitou os temas da fome: personagens comendo terra, personagens comendo raízes, personagens roubando para comer, personagens matando para comer, personagens fugindo para comer, personagens feias, sujas, descarnadas, morando em casas sujas, feias, escuras; foi esta galeria de famintos que identificou o Cinema Novo com o miserabilismo, hoje tão condenado pelo governo do estado da Guanabara, pela Comissão de Seleção para os Festivais do Itamaraty, pela crítica a serviço dos interesses oficiais, pelos produtores e pelo público – este último não suportando as imagens da própria miséria. Este miserabilismo do Cinema Novo opõe-se à tentativa do digestivo, preconizada pelo crítico-mor da Guanabara, Carlos Lacerda: filmes de gente rica, em casas bonitas, andando em automóveis de luxo; filmes alegres, cômicos, rápidos, sem mensagens e de objetivos puramente industriais. Estes são os filmes que se opõem à fome, como se, na estufa e nos apartamentos de luxo, os cineastas pudessem esconder a miséria moral de uma burguesia indefinida e frágil, ou se mesmo os próprios materiais técnicos e cenográficos pudessem esconder a fome que está enraizada na nossa incivilização. Como se, sobretudo, neste aparato de paisagens tropicais, pudesse ser disfarçada a indigência mental dos cineastas que fazem este tipo de filmes (ROCHA, 2011, p. 55).

A atualidade desse texto, escrito em forma de manifesto e apresentado com o título de “Estética da fome”, em 1965, por ocasião da retrospectiva realizada na Resenha do Cinema Latino-Americano, em Gênova, Itália, mostra-nos claramente que a fome pode assumir múltiplos sentidos em um filme. Os diferentes aspectos tratados aqui demonstram também a importância de utilizar e discutir filmes em sala de aula que ampliem a compreensão do processo da alimentação para além dos nutrientes e calorias, que são os objetos preferenciais da perspectiva biomédica, hoje, hegemônica no campo da Nutrição.

Terminamos o texto com algumas questões que ficaram em aberto para nós: Como um texto de 1965 pode ser tão atual, hoje, 50 anos depois? Como a fome pode continuar a ser uma questão nacional quase que “natural” em pleno século XXI? Como a fome pode assumir tantos sentidos e não ser vista como uma vergonha nacional? Como é possível milhões de pessoas passarem fome no país que é o “celeiro do mundo”? Que outros sentidos podemos atribuir à fome?

Referências

- ABRANDH; CERESAN; CONSEA; FAO-RLC/ ALCSH. *Avanços e Desafios da Implementação do Direito Humano à Alimentação Adequada no Brasil*. Relatório Técnico. Brasília, Rio de Janeiro: março de 2009.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE CINEMA, *Garapa, A história*. Disponível em: <http://www.academiabrasileiradecinema.com.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=1132&Itemid=525&limit=1&limitstart=2>. Acesso em: 17 set. 2016.
- BAIANA, A.M. *Como ver um filme*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BENTES, I. *Estéticas e cosmética da fome*. In: COHN, S. (Org.). *Cinema. Ensaios fundamentais*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.
- BOFF, L. Comensalidade: passagem do animal ao humano. *Jornal do Brasil*, 14 out. 2012. Colunistas: Leonardo Boff. Disponível em: < <http://www.jb.com.br/leonardo-boff/noticias/2012/10/14/comensalidade-passagem-do-animal-ao-humano/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- BRASIL. Lei n. 11.346, de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 18 set. 2006, p. 1.
- _____. Decreto n. 7.272, de 25 de agosto de 2010. Regulamenta a Lei n.-11.346, de 15 de setembro de 2006, que cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas a assegurar o direito humano à alimentação adequada, institui a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – PNSAN, estabelece os parâmetros para a elaboração do Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 25 ago. 2010, p. 6.
- CONSEA. III CONFERÊNCIA NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL. *Relatório Final 2007*. Disponível em: <<http://www4.planalto.gov.br/consea/publicacoes/3deg-conferencia-nacional-de-seguranca-alimentar-e-nutricional/relatorio-final-iii-conferencia-nacional-de-seguranca-alimentar-e-nutricional>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

- DaMATTA, R. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- _____. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. *O Correio*. Unesco, v. 7, n. 15, p. 22-23, 1987.
- FREIRE, M.; PENAFRIA, M. *Documentário social e político*. Disponível em: <<http://doc.ubi.pt/08/doc08.pdf#page=8>>. Acesso em: 17 jun. 2016.
- FREITAS, M.C.S. *Agonia da fome* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Salvador: EDUFBA, 2003. 281p. Disponível em: SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- FREITAS, M.C. Fome em Brasil: um estudo antropológico. In: GRACIA-ARNAIZ, M. (Org.). *Alimentación, salud y cultura: encuentros interdisciplinarios*. Tarragona: URV, 2012, p. 155-164.
- GARAPA, O FILME. Direção de José Padilha. Rio de Janeiro: Zazen Produções, 2009. 110 min. Disponível em: <http://www.academiabrasileiradecinema.com.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=1132&Itemid=525&limit=1&limitstart=2>. Acesso em: 10/06/2016.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- MOSS, M. *Sal, Gordura e Açúcar. Como a Indústria Alimentícia nos físgou*. São Paulo: Editora Intrínseca, 2015.
- PADRÃO, S. M.; TREVISANI, J.J.D.; CALDEIRA, F. Conferências de Segurança Alimentar e Nutricional no Brasil: caminhos para a garantia do direito humano à alimentação adequada e soberania alimentar em uma conjuntura de crise política e econômica. *Revista Advir*, n. 34, 2015.
- PEREZ-ESCAMILLA, R.; SEGALL-CORREA, A. M.; MARANHA, L. K.; SAMPAIO, M. F.; MARIN-LEON, L.; PANIGASSI, G. An adapted version of the U.S. Department of Agriculture Food Insecurity Module is a valid tool for assessing household food insecurity in Campinas, Brazil. *J. Nutr.*, n. 134, v. 8, p. 1.923-8, 2004.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 23. ed. São Paulo: Martins, 1969.
- RIBAS, F.O.R. O direito humano à alimentação adequada saudável e sustentável no ordenamento jurídico brasileiro. In: SCHNEIDER, Olivia Maria Ferreira (Org.). KRAEMER, Fabiana Bom et al. *Segurança alimentar e nutricional: tecendo a rede de saberes*. Petrópolis: De Petrus et Alli; Rio de Janeiro: Faperj, 2012.
- ROCHA, G. Estética da fome. In: COHN, S. (Org.). *Cinema. Ensaios fundamentais*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.
- SEABRA, J. *Cinema. Tempo, memória, análise*. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- ZIMMERMAN, C. As Políticas Públicas e a Exigibilidade do direito humano à alimentação. In: *Direito Humano à Alimentação Adequada*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2007.